

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL
(DOCEI)

Geórgia Izabella Vilarinhos Nunes Anastácio

**BRINCAR COM MODELAGEM E CRIANÇAS DE 4 E 5 ANOS:
DESAFIOS E CONQUISTAS**

Belo Horizonte

2015

Geórgia Izabella Vilarinhos Nunes Anastácio

**BRINCAR COM MODELAGEM E CRIANÇAS DE 4 E 5 ANOS:
DESAFIOS E CONQUISTAS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Docência na Educação Infantil na Faculdade de Educação/Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Profa. Dra. Marina Marcondes Machado

Belo Horizonte

2015

Geórgia Izabella Vilarinhos Nunes Anastácio

**BRINCAR COM MODELAGEM E CRIANÇAS DE 4 E 5 ANOS:
DESAFIOS E CONQUISTAS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Docência na Educação Infantil na Faculdade de Educação/Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Profa. Dra. Marina Marcondes Machado

Aprovado em ____ de _____ de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Marina Marcondes Machado – Faculdade de Educação da UFMG

Aroldo Dias Lacerda – FUMEC

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por estar presente em todos os instantes. Aos meus pais, Melchior e Maria da Glória por tudo que fizeram e fazem por mim. Ao meu marido Moacir e meus filhos Gabriel, Ana Gabriela e Samuel, pela alegria de estarmos juntos, em todos os momentos, realizando cada um de nossos sonhos. Aos meus irmãos Ricardo, Fábio e Paulo, que apesar de algumas “estranhezas” somos unidos e estamos sempre um do lado do outro. À cunhada Bruna e sobrinhas Bianca, Beatriz, Mariana, Maria Regina, Tainah e em especial ao meu anjinho Alice.

Às colegas da UMEI – Zilah Spósito e da Escola Estadual Lafaiete Gonçalves que me proporcionaram momentos agradáveis de estudo. Aos coordenadores do curso DOCEI, Paco, Sandro e Ricardo pelo convívio, respeito e carinho. Aos professores e à orientadora Marina que de forma tão importante contribuíram para a minha formação acadêmica.

Valeu a pena todo o esforço.

Só se pode alcançar um grande êxito quando nos mantemos fiéis a nós mesmos.

Friedrich Nietzsche

RESUMO

Este trabalho propõe a reflexão acerca da prática pedagógica etnográfica, dentro de uma instituição pública de Educação Infantil de Belo Horizonte. A partir do uso da arte visual como estratégia pedagógica, busca favorecer a interação e a socialização de crianças entre quatro e cinco anos de idade. O projeto tem o professor como interlocutor presente e como ponto de partida a observação do desenvolvimento da arte no processo de ensino, aprendizagem e criação da criança. Nesse contexto foram elaboradas atividades artísticas fundamentadas em modelagem. Posterior a cada ação realizou-se análise dos dados registrados por meio de diário de bordo, fotografias, filmagens, rodas de conversa.

Palavras-chave: educação infantil, modelagem, criação.

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	9
Eu e minha vivência na educação infantil	
2 – DESENVOLVIMENTO	17
2.1 – Modelagem sem direção.....	18
2.2 – Modelagem, uma represa segura de conhecimentos.....	28
2.3 – Modelagem, mar sonoro, sereno, sem fundo	38
3 – MAPA INTERPRETATIVO DA EXPERIÊNCIA VIVIDA	46
3.1 - Mapa da modelagem, crianças de 4 e 5 anos.....	47
5 – CONCLUSÃO	49
6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Encontro com a modelagem.....	20
Figura 2 – Modelagem com materiais.....	20
Figura 3 – Interação com os colegas.....	20
Figura 4 – Texto coletivo “receita de massa de modelar”	23
Figura 5 – Brincadeira com a massa feita coletivamente.....	23
Figura 6 – Cesta de basquete.....	24
Figura 7 – Massa e instrumentos de “mão em mão”	26
Figura 8 – Cabelo de boneca.....	26
Figura 9 – Porco espinho.....	27
Figura 10 – Brinquedos e brincadeiras.....	27
Figura 11 –O Minhoco apaixonado.....	31
Figura 12 – O Minhoco beijoqueiro.....	31
Figura 13 – Imagem da autora.....	31
Figura 14 – Desenho referente a história.....	32
Figura 15 – Livro Asa de papel.....	32
Figura 16 – Brincar, brincar, brincar...criando.....	35
Figura 17 – Árvores, cobras, flores, matas.....	35
Figura 18 – Casa da árvore.....	35
Figura 19 – As crianças assistindo ao stop motion.....	40
Figura 20 – Alvorço da turma.....	40
Figura 21 – Confeção do convite.....	41
Figura 22 – Entrega do convite.....	41
Figura 23 – As outras turmas assistindo ao filme.....	42
Figura 24 – Atenção ao assistir ao filme.....	42
Figura 25 – Desenho da experiência de assistir o stop motion.....	43
Figura 26 – Mapa da modelagem, crianças de 4 e 5 anos.....	45

1 - INTRODUÇÃO

1.1 Eu e minha vivência na educação infantil

Desde que me lembro dos momentos prazerosos na minha infância me vejo repleta de brincadeiras com amigos e primos, principalmente no interior: casa dos avós, quando ia passar férias, fazia panelinhas de toá (pedra de fácil modelagem), bonequinhas de sabuco de milho, roupinhas feitas com folhas de árvores diversas. Minha infância foi cercada de amor e meus pais me deixavam brincar sem interferir quando me viam explorando ambientes, brinquedos, etc.

Aos cinco anos de idade, passei a frequentar a pré-escola. Recordo-me dos primeiros dias, dos quais me sentia com um choro preso na garganta, mas as professoras que fizeram parte desse momento foram agradáveis, carinhosas e me apresentaram um ambiente acolhedor.

Aos seis anos fui para a escola primária e, mais uma vez, lidava com mudanças diversas e novamente segurei aquela grande vontade de chorar. Fiquei mais uma vez amedrontada... mas, observando aquele ambiente diferente, mesas com cadeiras únicas, uma atrás da outra formando cinco fileiras, foi quando percebi que no canto direito, próximo a última mesa da primeira fileira, havia um armário cinza que estava aberto e dentro tinha um caixa de madeira grande, colorida com diversas cores e com o escrito “MASSINHA, TINTA, REVISTA.” Era o que eu gostava de brincar na pré-escola; foi quando apareceu a professora, tirou esta caixa do armário, a abriu e foi colocando em cada mesa, uma vasilha com “massinha” e deixou que brincássemos, então o medo passou, me senti aliviada, pois era com a modelagem que eu sentia prazer em brincar e em estar no ambiente escolar.

As brincadeiras com os colegas eram bem divertidas, mas me sentia melhor quando era aula de artes e a professora nos entregava sempre uma folha A4 com desenhos grandes para serem coloridos (a forma com que era trabalhada nos anos 80).

Ninguém nunca me viu realizando desenhos, cercada por pincéis, tinta e lápis para dar cor. Não rabiscava paredes como normalmente fazem as crianças, mas a construção com modelagem, eram constantes.

No Ensino Fundamental e Médio não tinha uma aula específica a qual gostava mais, ou menos, apenas sentia falta da aula de artes, pois eram poucas.

Em 1993 me formei no magistério no Colégio Tiradentes, com o 2º grau em 4 anos, sendo que o quarto ano foi de estágio. De 1994 a 1997 comecei a minha carreira de professora em uma escola estadual no Ensino Fundamental, dando aula de história e matemática financeira para turmas de 5º, 6º, 7º e 8º séries, mas o meu interesse era pouco, pois não me identificava com crianças maiores. Em 1998 fui trabalhar em uma escola particular de Educação Infantil como professora, com uma turma de 3º período (6 anos). Passei por várias dificuldades, pois até então não havia lidado com aquela faixa etária, me sentia instigada e entusiasmada com o aprendizado e vi que era naquele espaço me encontrava como professora: ali eu poderia estar em um desenvolvimento pleno comigo e com o meu público (crianças de 4 a 6 anos). Infelizmente precisei deixar a escola de Educação Infantil e, em 2005, através de um projeto federal, assumi uma turma de PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil), com crianças de 10 a 15 anos.

Em 2007, na rede estadual de ensino em Minas Gerais, atuei com crianças de 8 a 10 anos: foi em 2008 que aconteceu minha plena renovação como professora de educação infantil, pois fui convidada a trabalhar na Escola Municipal Iracema Prado da Silva, escola polo de educação infantil em Santa Luzia e, fiquei muito feliz, realizando e participando de projetos, seminários, palestras, cursos voltados para a Educação Infantil. Assim obtive um currículo rico em aprendizado com crianças na educação infantil, em especial, crianças entre 3 e 5 anos.

Em 2010 fui nomeada pela PBH (Prefeitura de Belo Horizonte) onde estou e desenvolvo o meu trabalho na UMEI Zilah Spósito, com crianças de 4 e 5 anos.

Com um encanto em conhecer e aprender o novo, em principalmente para lidar com crianças de Educação Infantil (0 a 5 anos), me senti instigada a participar do curso

DOCEI: uma colega o fez e indicou para o grupo da UMEI, e hoje me sinto honrada em estar neste curso, ampliando a cada dia meus conhecimentos, vivenciando oportunidades plenas e únicas para meu crescimento pessoal e profissional.

Mesmo com a minha ampla experiência na área educacional, como citado, sinto-me despreparada para atuar como professora de Artes Visuais, sobretudo com crianças de 4 e 5 anos. Dessa forma, este trabalho propõe um olhar nesta perspectiva.

Realizarei, no decorrer deste trabalho, uma sequência didática voltada para artes visuais na modelagem, analisando os desafios e as conquistas das crianças e da professora. Terei como base o que as crianças criam, como criam, onde criam, com a massa de modelar. A professora observa qual a contribuição da formação artística no seu desenvolvimento, quais são as possibilidades de aprendizado através das produções infantis e, por fim, quais equívocos são cometidos nas interpretações adultas destas modelagens. Envolvida ativamente nas angústias e questionamentos a respeito das artes visuais, em específico a modelagem, são as perguntas que não calam dentro de mim: como criar e analisar as possibilidades das produções e observar cada equívoco cometido, pelo adulto, através das interpretações, criações e utilização da modelagem?

As artes visuais proporcionam um olhar direcionado para a superação da criança e do profissional envolvido nas construções, e presente ao lado das mesmas. Fazem com que a professora seja potente, corajosa e proponha situações e espaços para que a criança seja um ser participativo e ativo. A criança age a todo instante tendo a professora como sua guia, e a professora se sente na obrigatoriedade de propiciar um ambiente rico em conhecimento, com um clima preparado e planejado com atividades prazerosas.

A professora deve valorizar o caminho feito por cada criança, para que a educação aconteça de forma coerente, centrada na criança e que desenvolva as capacidades para o desenhar, o pintar, o modelar, sem ter como foco a perfeição, mas sim a criação.

A modelagem é de interesse e participação das crianças nas atividades propostas é um momento repleto de criatividade. É uma arte rica em liberdade de criação. Por meio de observações e análises, podemos obter um olhar mais crítico em relação às práticas profissionais que ainda possuem um entendimento, meramente como um passatempo.

As artes visuais expressam, comunicam e atribuem sentidos a sensações, sentimentos, pensamentos e realidade por vários meios: dentre eles, a modelagem, fazendo parte da aprendizagem tanto quanto a linguagem escrita.

As artes estão presentes no dia-a-dia de cada criança e de cada um de nós de forma simples como: rabiscar, desenhar no chão, modelar na terra com água, espirrar água colorida, tudo feito com materiais, que podem ser encontrados por acaso ou escolhidos.

Realizei um relato de experiência com fundo etnográfico: um trabalho realizado com interlocução com outras disciplinas e realidades vividas, em sintonia com Lacerda (2012, p.1) “Pensar sobre um caminho possível e exequível para a consecução de um efetivo ensino de Linguagens Plásticas Visuais a partir de nossa experiência”.

A apreciação é a percepção do sentido da concretude artística, ou seja, a criação das imagens pode ser enriquecida a partir de perguntas que instiguem a imaginação da criança.

A modelagem está a todo momento voltada para a brincadeira, aguçando os sentidos físicos e mentais. Sabe-se que a modelagem possibilita à criança descobrir uma forma de expressar-se com manuseio de instrumentos (palitos, rolhas, espremedores, copos, coadores, etc.), materiais (livros e filmes), conversas e discussões com colegas e professoras nas criações individuais e coletivas.

Assim, a criatividade pode ir além da realidade imediata, ao ampliar os conhecimentos e vontades das crianças dadas as situações próprias para um aprendizado prazeroso, recheado de sonhos.

Durante muitos anos, a modelagem foi utilizada para que a criança tivesse uma

melhor coordenação motora, para a aprendizagem das cores ou até mesmo para a finalização do horário de aula, preenchendo a rotina.

Atualmente, sabe-se que a modelagem possui significado construtivo para as crianças. É desejada e compartilhada por todo o grupo, crianças e professora, gera motivação e interesse. Me envolvi nesse processo de aprendizagem como um ser observante, participante e principalmente atuante: dentro de cada fazer e observando todos os momentos.

Procurei me atualizar em com a leitura feita no Blog Agachamento de Machado que propõe: “ir ao chão, ficar de cócoras, estar muito perto de onde a criança pequena está” (...) Machado (2015, 20-06) “Postura boa para brincar, agachar-se é tentar compreender a criança no seu ponto de vista”. Quando me vi nesta posição comecei a ter um olhar crítico: sentada junto com as crianças em rodinha, no grupão, sentada no chão, muitas vezes não me dispunha a realizar as mesmas atividades que elas.

A aprendizagem deve ser prazerosa e significativa para as crianças, relacionada com desafios que enfrentaram, enfrentam ou enfrentarão: que tenha relação com suas vidas, desafiando-as e ampliando os conhecimentos. Assim, iniciei uma observação do ambiente, o espaço no qual será realizada a sequência didática: criando estratégias, pensando o tempo, e cada dia uma etapa prevista.

A busca por uma educação de qualidade torna-se cada vez mais importante. E, nesse processo, a relevância da organização do espaço para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças não pode ser desconsiderada, já que ela contribui de forma efetiva para uma educação infantil de qualidade.

O espaço ao qual nos encontramos é parte do processo educacional. O seu planejamento nunca é neutro. Sua formalização reproduz as concepções de quem o organiza, assim concordo com Santos:

“O papel do lugar é determinante. Ele não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido, isto é de experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo, a reavaliação das heranças e a indagação sobre o presente e o futuro. A existência naquele espaço exerce um papel revelador sobre o mundo.” (SANTOS, 2001. p.114).

Logo, a forma como se dispõem os móveis, os materiais, o modo como eles são ocupados pelas crianças e adultos e o modo como interagem, revelam, ainda que implicitamente, uma dada concepção pedagógica em uso. Do mesmo modo, reflete o que se pensa sobre a criança e como deve ser o seu processo educativo.

Para a construção da sequência didática, planejei ações com disciplinas correlatas como: artes visuais, matemática, linguagem oral e linguagem escrita, utilizei os seguintes materiais: massa de modelar industrial; espremedores diversos; copinhos e tampinhas de tamanhos e texturas diferentes; peneira; colheres; palitos (picolé e dente); rolos de papel (higiênico e toalha); grãos e sementes; bacia pequena; farinha e água; papelão; papel A3 A4; color set; máquina fotográfica; computador (notebook); livros; DVD.

Como a escola localiza-se em uma comunidade invadida, foi necessário rever as datas para a aplicação da sequência didática, pois as famílias estavam tendo dificuldade em levar as crianças para a escola devido a brigas da comunidade com os donos das terras. Sendo assim o calendário que estava proposto para os meses de junho e agosto, passou para os meses de junho e setembro.

Portanto, foi necessária uma reorganização das atividades do inventário de ações, ou seja, os momentos de encontro. Precisei me empenhar para que desse certo cada encontro da sequência didática e que acontecessem no período previsto nos encontros com a orientação do DOCEI.

O quadro com aulas e datas já definidas, para serem desenvolvidas, ficou assim estabelecido:

Inventário de ações	
Datas	Aulas
11/06/2015	Massa de modelar industrial
15/06/2015	Massa de modelar caseira
30/06/2015	Utilização de instrumentos
04/09/2015	Livro de história: O MINHOCO APAIXONADO
11/09/2015	Filme: POCOYO
18/09/2015	Construção do cenário para criação do STOP MOTION (animação)
25/09/2015	Criação do STOP MOTION
30/09/2015	Apresentação do STOP MOTION

Para dar sequência às atividades nos foi orientado por Marina a escrita de diários de bordos, que são os registros escritos durante a criação, a organização e a elaboração de uma sequência didática desenvolvida.

Analisar cada uma das anotações registradas direciona a professora, é algo de extrema importância para apreciação: assim essa linha de pesquisa traz uma possibilidade de análise direta e sensível do fazer da criança.

Segundo Machado (2015)

“proponho tratar o Diário como um recurso filosófico e metalinguístico para o pesquisador-criador, cuja finalidade principal seria a ampliação de um espaço meditativo da experiência vivida durante a pesquisa, traduzindo o valor deste recurso de maneira não diretamente pragmática ou funcional, nem de leitura a ser necessariamente compartilhada: daí seu caráter de intimidade, de “Diário”.

O desenvolvimento deste trabalho constituiu-se inicialmente por uma pesquisa bibliográfica sobre a importância do trabalho com arte no processo de desenvolvimento da criança em Educação Infantil, precedida por uma breve análise sobre a vida de cada uma das crianças envolvidas. Propus a realização de

atividades com modelagem usando instrumentos e diversas formas de desenvolvimento das atividades, em especial a criação de uma animação em stop motion.

A sequência didática teve como objetivo experimentar, identificar, analisar, diferenciar, brincar, criar, manusear a modelagem, propiciando momentos de interação e ludicidade e analisar as possibilidades das produções infantis. O professor tem oportunidade de se envolver de corpo inteiro, juntamente com os alunos, em cada proposta, que é de extrema produtividade. O observar e ler a criança em seus momentos de criação é forte e preciso em sua realidade.

Eu, ainda imatura, careço de uma melhor atitude para as escolhas e as valorizações da modelagem na Educação Infantil, necessitando de complementação da aprendizagem, para atingir um olhar que contribua com resultados compartilhados com os colegas da instituição na qual desenvolvo o meu trabalho.

2 - Desenvolvimento:

Os indivíduos não podem apenas se relacionar uns com os outros: eles precisam relacionar-se uns com os outros acerca de algo. Em outras palavras, os relacionamentos precisam conter interesse ou envolvimento mútuo, cujos pretextos e textos proporcionem a interação adulto/criança.

(Gandini, [1999], p.46).

No curso DOCEI iniciei o trabalho com o foco em artes visuais, devido ao meu interesse em aulas apresentadas nas disciplinas: Infância, com a professora Cibele; de Artes Visuais, com o professor Aroldo; teatro com o professor Ricardo e em Brinquedos e Brincadeiras, com os professores Túlio e Rogério. Foi-nos apresentado a todo instante o brincar de diversas formas das criações infantis.

Assim especifiquei em qual seria o meu tema na monografia: seria voltado para artes visuais. Na aula de apresentação dos orientadores estava a Marina, que me deixou instigada desde o primeiro momento, entrando em sala com um “jeito de artista”: meiga, tranquila, se apresentando com palavras fortes e divertidas. Quando nos foi dito que ela seria a orientanda do grupo de artes visuais, o qual era composto por mim e mais 4 colegas: Denise, Emanuelle, Estefania e Márcia, vi que estava no lugar certo. Me senti honrada e vi que era realmente sobre este tema, artes visuais, que deveria trabalhar.

Neste primeiro encontro o grupo fez um relato para a orientadora sobre os temas que gostaria de desenvolver o seu trabalho, ou seja, 4 de nós orientandas queríamos realizar pesquisa sobre o desenho infantil e a outra colega iria pesquisar sobre música, mas depois de conversas e pequenos ajustes, feitos pela orientadora e comentários do convidado, o professor Aroldo Dias Lacerda, observei que poderia desenvolver outras formas de trabalhar artes, esquecendo um pouco do desenho e busca de outras propostas e vivências. Que artes visuais é mais rica que eu imaginava.

Com o passar das orientações passei a ter um olhar mais voltado para o relato de experiência e a pesquisa com etnografia. Assim, decidi focar a pesquisa na minha prática pedagógica: como e onde estou durante o desenvolvimento das atividades

com as crianças. Assim, através da modelagem e com a criação da sequência didática a ser desenvolvida, fui iniciando o meu desafio...

Nas atividades escolares com as crianças de zero a seis anos acontece experimentação de uma série de linguagens artísticas, tendo como base materiais simples como por exemplo: material reciclado, palitos, jornais. A ideia é a transformação e a criatividade dos conteúdos da pré-escola. As crianças são convidadas a pensar sobre as formas, o que querem criar e como criar. O foco não é produzir obras de arte propriamente ditas, mas possibilitar que os pequenos deixem suas marcas e se expressem. Os Trabalhos com modelagem vão ao encontro de cada objetivo aqui analisado, pois dão espaço à liberdade e à criatividade. Para aproximar a criança da técnica de execução foi necessário seguir a ordem citada no cronograma da sequência didática.

❖ **Modelagem, sem direção...**

Este foi o primeiro passo a repertoriar a turma, para que as crianças pudessem entender o que seria desenvolvido durante a sequência didática, sabendo que são capazes de fazer suas próprias criações. Encaminhei a aula contando qual seria a proposta desenvolvida, voltada para a modelagem: eu precisava saber qual era o contato que as crianças tinham com o material, a massa de modelar, que iríamos utilizar em todos os momentos.

Em uma roda de conversa falei sobre o período das 8 aulas, o que aconteceria nos espaços da escola e, para finalizar, receberíamos a visita de outras turmas, da direção, da coordenação, das faxineiras.

Assim apresentei a massa de modelar industrial, ainda na caixa, deixando que pegassem para ter um contato sentindo o material de papelão ainda na caixa. Logo após, fizemos a contagem das caixas e a quantidade de cores presentes em cada uma. Ainda não havia aberto as caixas. Logo após, a sala foi organizada com a junção de duas mesas no centro, com a ajuda das crianças, para que puséssemos as massas para fora da caixa, ou seja, eram 4 caixas e em cada caixa haviam 12

massas, sendo assim um total de 48 massa de modelar. A turma ficou um agito total, perguntando porque tinha tanta “massinha” eu disse que era para brincarem. O aluno BE perguntou qual cor ele poderia pegar, porque, de tantas cores, estava com dúvidas. O VI disse que era a que a professora desse, pois era o de costume. Quando disse que poderiam pegar a quantidade e as cores que quisessem, o grupo correu para as mesas no centro da sala, onde foram expostas as massas de modelar e cada um pegou a quantidade e a cor que queria. Observei que o aluno RI pegou um número maior massas, ou seja, sete massas de modelar com cores variadas, se preocupando assim com a quantidade e cores diferenciadas, demonstrou necessidade de chamar a atenção para si. Assim, cada um pegou sua massa; foi quando o colega VI reclamou que só tinha uma para ele e na mesma hora o RI¹ chegou perto dele, lhe entregou a massa de modelar, dizendo que tinha muitas e podia dar uma para o amigo. Olhou para a turma e disse: __”Tá vendo eu sou importante...” Um grupo de crianças juntou as massas azuis, vermelhas e amarelas. Outro grupo se preocupou com a quantidade, se tinham muitas ou poucas massas.

Algumas se sentiram à vontade para usar outros materiais, como: tampinha e lápis, pois sempre usavam para brincar nos momentos de “massinha”: assim deixei que pegassem, para serem de ligação. ARS criou um relógio, dividindo a quantidade de massas, que foi maior do que já havia sido entregue antes. EM fez um bolo e com lápis, foi furando realizando a contagem de cada furo feito. Eles não estavam preocupados com as cores e sim com a quantidade (muito ou pouco).

Com a modelagem construída coletivamente, as crianças observaram que poderiam também fazer uma construção coletiva.

A sala não ficou impecável na limpeza, é claro, caíram várias massas no chão, alunos pisaram, as mesas ficaram manchadas, sendo que as massas soltam cor quando estão novas, ou seja, primeira vez retiradas da caixa.

O início da brincadeira foi com um fluxo grande de conversa alta, gritos de agitação, mas com o passar da atividade a conversa foi diminuindo gradativamente, de acordo com a própria organização.

¹ A criança RI, eu acredito, que precisava demonstrar a sua atitude, chamar a atenção para si, assim neste momento me senti insegura e sem saber o que fazer ou falar, não disse nada e deixei que resolvesse sozinho.

A minha participação nesta aula foi em poucos momentos, sendo um deles quando utilizei lápis, régua, tampinha, por já ser de costume do grupo e alguns já haviam pedido.

A turma começou a ficar alvoroçada quando eu disse que estava na hora de guardar a massa, porque já havia dado tempo. Fiz uma esfera com a massa que estava na minha mão e a maioria das crianças seguiu a minha atitude sem eu pedisse. Alguns guardaram de imediato, outros esperaram alguém começar a fazer a esfera, para começar, outros queriam levar para casa (já era de costume), neste momento foi preciso parar tudo, voltar para a rodinha e focar a conversa sobre levar a massa para casa. Disse que precisaríamos da massa de modelar para a próxima aula, e que estaríamos sempre brincando com a massa em momentos divertidos e diferentes: desta forma guardaram, sem reclamar.

Assim, a turma foi se acalmando, fazendo a organização da sala com as cadeiras, as mesas e mochilas. Disseram que estavam esperando a próxima aula para poderem brincar mais com a massa de modelar, que essa aula foi muito divertida e a criança JH disse “___ Eu vou querer fazer um monte de bicho, na outra aula”.

Fotos tirada pelas crianças: JH, KA,LF.



Figura 1: encontro com a modelagem



Figura 2: Modelagem com materiais.



Figura 3: Interação com os colegas.

Perante a apresentação de outro momento da aula, a garotada passou da exploração de materiais para a construção da massa de modelar: para que as crianças identificassem, analisassem e diferenciassem a massa de modelar industrial da caseira, bem como brincar e criar.

Primeiramente precisei pesquisar receitas: encontrei uma na internet, achei interessante, pois era simples de fazer. Apresentaria para a turma através de um portador de texto (receita) e realizaria o registro coletivo no quadro da sala: “receita da massa de modelar”, registrado no quadro antes de colocar a mão na massa, ou seja, realizar a confecção da massa de modelar junto com as crianças.

Assim é a receita da massa de modelar caseira

➤ Ingredientes:

- Farinha de trigo
- Água
- Bacia de plástico
- Copo de plástico

➤ Modo de fazer:

- Colocar em uma bacia mais ou menos 4 copos de farinha, e colocar aos poucos a água, observando a liga da massa. Misturar até que a massa se solte da mão sem agarrar.

Para realizar esta aula fiz a receita em casa, estava preocupada, achando que não daria certo, tinha que ter certeza ao apresentar o material para a turma: ver qual tempo a massa duraria, depois de pronta, sem dar mal cheiro ou mofar. Durou mais ou menos 2 dias, assim, achei melhor que, quando acabássemos de fazer deixaria que cada um levasse a sua para casa.

Em sala, junto com as crianças, em rodinha no meio da sala, conversamos sobre o que já havia sido apresentado na primeira aula, a massa de modelar industrial. Perguntei se conheciam outros tipos de massa para modelagem; se conheciam outras formas de criar massa para modelar. Foi quando fiz com que relembassem da construção de algumas receitas que havíamos feito em sala, durante o ano de 2015, como gelatina e o bonequinho doce.

Assim perguntei: “O que será que faremos, agora?”

As crianças, em sua maioria, disseram: Podemos fazer uma “massinha”.

A partir dessa resposta fui apresentando e fazendo o registro coletivo no quadro de cada ingrediente que seria usado: farinha de trigo, água, a bacia e o copo. Quando perguntei como iríamos realizar, disseram que não teria como, porque ficaria mole e que a farinha é de fazer bolo. Instigando o grupo perguntei: “__Então como poderemos fazer para resolver esta situação problema?” O RI me respondeu “__Junta tudo na bacia”; o VI disse: “__ Não pode ser tudo de uma vez que senão

vai virar “meleca”; BE perguntou qual cor que irá ficar a “massinha” dele. Pedi que fossemos fazer a massa para ver como poderia ser feita, se daria certo ou não, etc.

Assim, iniciamos a receita, colocando a farinha dentro da bacia, e pedi, para as crianças que estavam com a mão na massa, que a água fosse colocada aos poucos. Cada um teve o seu momento de experimentar, observar e tocar na massa para sentir a hora que estaria pronta para brincar. Em um determinado momento o grupo disse que já estava pronta (estavam ansiosos para pegar a massa e brincar) assim, deixei que pegassem um pouco da massa, e sentissem se já estava com a densidade boa para brincar, ou se ainda estava muito mole. O VI, a KA, o BE e a CA disseram que estavam com nojo de brincar porque a massa estava melando suas mãos; assim voltamos todos com as massas que estavam nas mãos para dentro da bacia, e perguntei: o que deveríamos colocar mais, se era farinha ou água? Todos responderam ao mesmo tempo: farinha. Assim, colocamos um pouco mais de farinha de trigo e ficou melhor. A partir desse momento entreguei uma certa quantidade de massa para cada criança e disse que brincaríamos naquele espaço da sala, ou seja no chão; algumas quiseram sentar debaixo da mesa, outras em cima da mesa, e até no beiral da janela (possui grade). Sentei-me junto as crianças participando ativamente também da modelagem e me senti desafiada em criar imagens: principalmente na terceira dimensão, que ainda não era de costume, nem meu e nem da turma. Durante as criações o colega BE criou um brinquedo usando a massa e uma tampa (vasilha de sorvete) dizendo: “__É uma cesta de basquete e uma bola, eu sei jogar “. VI e ARS correram para perto do BE e pediram para brincar com ele.

Presenciei nessa aula uma maior satisfação da turma.

Ao finalizar a aula algumas crianças pediram para levar para casa a massa que havíamos feito, foi quando disse sobre a minha experiência antes de trazer para sala, que a massa duraria mais ou menos dois dias, então poderiam levar para casa sim.

Fotos tiradas por mim e pela criança VI



Figura 4: texto coletivo “receita de massa de modelar”.



Figura 5: Brincadeira com massa feita coletivamente.



Figura 6: Cesta de basquete.

Na aula seguinte fomos identificar as diversas formas, meios e manuseio para utilização da massa de modelar, com a utilização de vários instrumentos que os apresentei como: espremedor de alho, abridor de cerveja, copinhos, colheres, rolos, palito de picolé, palito de dentes dentre outros instrumentos. Novamente demonstraram grande interesse, e uma enorme agitação. Conversamos coletivamente, mas não como uma aula cheia de regras (isso pode, isso não pode) e sim combinados (como fazer): o principal seria não tomar o instrumento do colega, e sim pedir e esperar que seja entregue.

A sala estava organizada em um grupão. Grupão é o nome escolhido por nós através de votação início do ano, é quando juntamos 6 mesas no centro da sala com as cadeiras em volta.

Sem dizer nada, sentei-me em uma cadeira no grupão, e comecei a brincar com a massa de modelar e os instrumentos, conversando a todo instante com as crianças, quando uma delas me disse “___Prof. (é essa a forma que essa criança me chama) você já tá brincando e a gente pode brincar também?” Perguntei o que achava e todos disseram que “sim”, e na mesma hora começaram a brincar usando, os instrumentos e instigando uns aos outros. As crianças sentiram liberdade para usar os materiais que achassem melhor, independentemente se fosse algo grosso, fino, grande, pequeno, ponta fina, ponta grossa, etc.

Durante as brincadeiras conversamos sobre a utilização de cada um dos instrumentos, pois a KA e o BE perguntaram o que eram e para que serviam, principalmente o espremedor. Realizei uma modelagem sem comentar nada, e no mesmo momento, disseram que era legal, “parecia cabelo”. A KA pegou e não soube como usar o espremedor, dizendo que era “burra” (eu já havia escutado ela falar isso em alguns momentos) e pediu ajuda, nessa hora sentei próximo a ela e apresentei o espremedor, dizendo que servia para espremer: alho, cebola, massinha, etc. Assim, a EM pegou o espremedor e disse que é igual ao da sua mãe

de amassar batata, então dava para amassar “massinha”, mas a massinha é mais dura.

Em relação aos outros instrumentos o BE disse que o palito é para chupar picolé e o outro de tirar a carne do dente. KA e BE disseram que o abridor de garrafa tem cara de cavalinho, não é uma disse ARS. KM deu um nome para o espremedor: “mistureba”. Eu instiguei a criatividade da criança pedindo que ela dissesse para a turma o porque desse nome, ela disse que misturava todas as massas e ficavam juntas e misturadas. Achei criativo. HU fez um “espinho de astronauta” mostrando para a turma e fazendo um som, como se estivesse em uma astronave. Disse que fez porque tinha assistido na sua casa uma reportagem sobre o planeta que mostrava uma nave espacial onde tinha um astronauta, assim o espinho era para o astronauta furar os balões que viessem do céu para atrapalhar o foguete no espaço. Ele seria o rei do universo...!

Brincamos por muito tempo e eu como norteadora da sequência didática estava a todo instante brincando, observando e em alguns momentos registrando situações no diário de bordo, para que as crianças não ficassem sem material ou entrassem em discussão.



Figura 7: Massa e instrumento de “mão em mão”.



Figura 8: Cabelo de boneca.



Figura 9: Porco espinho...



Figura 10: Brinquedos e brincadeiras.

❖ Modelagem, uma represa segura de conhecimentos

Em uma das aulas que tinha como objetivo propiciar um momento de interação e ludicidade através da linguagem oral, propondo às crianças a percepção do uso imagético da modelagem, pesquisei na biblioteca da UMEI um livro de história com ilustrações impressas de modelagem. Encontrei o livro: *O Minhoco apaixonado*, fiz uma pré-leitura, achei-o interessante, principalmente porque estávamos realizando atividades relacionadas à música: minhoca, minhoca (Minhoca, minhoca, me da uma beijoca. Não dou, não dou, então eu vou roubar...). Em sala, a turma foi organizada em rodinha para que a apresentação do livro fosse mais ampla. Peguei a “caixa de novidades” que usamos sempre quando é apresentado, tanto por mim quanto pelas crianças, alguma novidade; já estava guardado ali o livro: *O Minhoco apaixonado*, da autora Alessandra Pontes Roscoe, da ilustradora Luciana Fernandes, editora Canguru.

Assim que foi pedido para organizarem a rodinha o aluno VI pediu que fossemos para debaixo de uma árvore no pátio da escola, porque na sala estava muito quente e lá fora tinha sombra e vento fresco. Gostei da forma que VI se expos e,

conversando coletivamente com a turma, todos concordaram. No pátio voltamos a sentar em rodinha. Me peguei um pouco distante da aula naquele momento, pois pude ver que através do pedido de uma criança, que foi de sair de sala porque estava quente, eu estava deixando escapar momentos gostosos e prazerosos, pois ali, debaixo da árvore, sentada no chão, olhando para o céu, estava muito melhor que em sala, fez rever a minha postura de professora, o espaço estava ali só precisava ser mais utilizado. Assim, peguei a caixa de novidades fechada, para que passasse na mão de cada uma das crianças e deixei que dissessem o que achavam que tinha dentro dela. Disseram várias coisas como: “ele está leve, então é pena”; “outro disse: faz barulho e pode ser pedra aqui do pátio”; “ não acho que é massa de modelar”. Quando a criança disse que era massa de modelar, eu disse que “estavam quentes”, a partir daí surgiram várias opiniões relacionadas à modelagem, infelizmente não tive como registrá-las.

Quando abri a caixa todos viram que era um livro, muitos arregalaram os olhos, outros sem grande interesse, disseram: “livro?” Não fiz questionamento algum, simplesmente iniciei a leitura da história.

Ao iniciar a contação da história, cantamos a música “ Puxa, puxa o fio da história”, já usada para concentrar as crianças e manter a atenção; assim o grupo, que estava observando o céu e a mata, foi se organizando. A história foi entonada nas falas dos personagens, com clareza em cada uma, com ritmo entre as frases puxando sempre a rima no final das frases, colocando a turma como participantes. Ao terminar a leitura, o livro foi apresentado: a capa, o nome da história, da autora, da ilustradora e da editora. Observaram com rapidez a ilustração e, assim, ARS disse que as imagens eram feitas de modelagem, que a “mulher” que fez as modelagens era muito inteligente. A JH disse: “ ___Eu quero escrever um livro assim quando crescer”. Me senti satisfeita ao ver que, apenas com a fala da JH, o objetivo da aula já havia sido alcançado, mesmo sabendo que a história não havia agradado a todos como a ME que disse “ ___ Não gostei da história, porque minhoca não beija”.

Diante disso, a turma toda começou a dar risadas e eu comentei que é uma história, que a Alessandra, autora, usou a sua imaginação para criá-la e que cada um de nós podemos criar a nossa história. Continuando a apresentação de cada página, fomos

fazendo a releitura: fui mostrando as ilustrações de modelagem, deixando que eles conversassem sobre o que viam em cada página e expressassem o que pensavam sobre as imagens e sobre a história, de forma individual e coletiva.

No dia seguinte fiz a releitura da história: *O Minhoco apaixonado*, fizemos o registro coletivo do nome da história e depois fomos fazer o registro do nome e do desenho em uma folha A4.

O aluno LF, na semana seguinte, chegou em sala com o livro *Asa de Papel* do autor Marcelo Xavier, editora Saraiva. O próprio aluno pediu que eu pegasse a “caixa de novidades” para que fizesse a contação da história. Ele realizou a contação para a turma e deixou que cada um pegasse o livro e dissesse o que estavam vendo. Logo depois eu fiz a escrita coletiva do nome da história, no quadro, entreguei uma folha A4, e pedi que fizessem o registro do nome da história e depois um desenho sobre a mesma para que fosse colado no diário das histórias dos Amigos da Ecologia. Para finalizar a aula apresentei mais um livro que também tem as ilustrações feita com modelagem: *Gente de muitos anos*, da autora Malô Carvalho e ilustrações de Suzete Armani. Editora Autêntica.

Com o decorrer da sequência didática e tendo a visão mais voltada para as diversas linguagens definida que iria levar a turma para a sala de vídeo, para assistir ao filme *Pocoyo*², com o objetivo de propiciar um momento de interação e de novas sugestões para o ato de modelar, observando as diversas formas de criação de imagens com modelagem.

Com a organização da rotina da sala disse o que é um filme muito interessante, legal e diferente, um filme que eles ainda não tinham assistido em nossas aulas e eu acreditava que nem em casa (fala para deixá-los muito instigados). O VI me pegou desprevenida me perguntando se eu já havia assistido a esse filme, para que eu pudesse estar falando assim que “é interessante e legal”. Nesse momento fiquei assustada e respondi ao VI com mais centralização na fala dizendo que sim, pois para apresentar um material para eles eu deveria estar ciente do seu conteúdo.

² Pocoyo, filme com imagens de modelagem, publicação e distribuição: LOG ON, editora multimídia.

Chegando na sala de vídeo, apresentei a capa e o DVD, colocando-o para passar. O grupo se organizou em um tapete de emborrachado no centro da sala de vídeo, assistiu com atenção à história que durou 6 minutos e 50 segundos. Quando o filme acabou conversamos sobre o que havíamos assistido, o que achamos e a maioria disse que era legal mesmo. O VI disse: ____”É professora você assistiu mesmo, porque eu também achei legal e muito interessante (não esqueceu da palavra que é de pouca utilização) esse vídeo”. O foco nesse trabalho era que observassem as imagens do filme que foram feitas de massa de modelar, como vi que não comentaram sobre a estrutura das imagens e só sobre a história apresentada, fiz um comentário sobre o personagem principal, que eu havia achado bem divertido: tinha o corpo diferente. A aluna ME perguntou se tem como um filme ser de “massinha”, eu perguntei “por que?”, e ela me disse que parecia que os personagens eram de “massinha”. BE falou que queria fazer, um filme com brinquedos de massinha. Nesse mesmo instante toda a turma gritou e ficou alvoroçada, foi preciso que eu chamasse a atenção para falarem mais baixo e ficassem calmos, porque era um caso a se pensar.

Assim, deixei a pergunta no ar: “Será que conseguimos criar as imagens para um filme? Como poderíamos fazer?”

Fotos tiradas pela criança: IZ



Figura 11: O Minhoco apaixonado.



Figura 12: O Minhoco beijoqueiro.



Figura 13: Imagem da autora e da ilustradora.

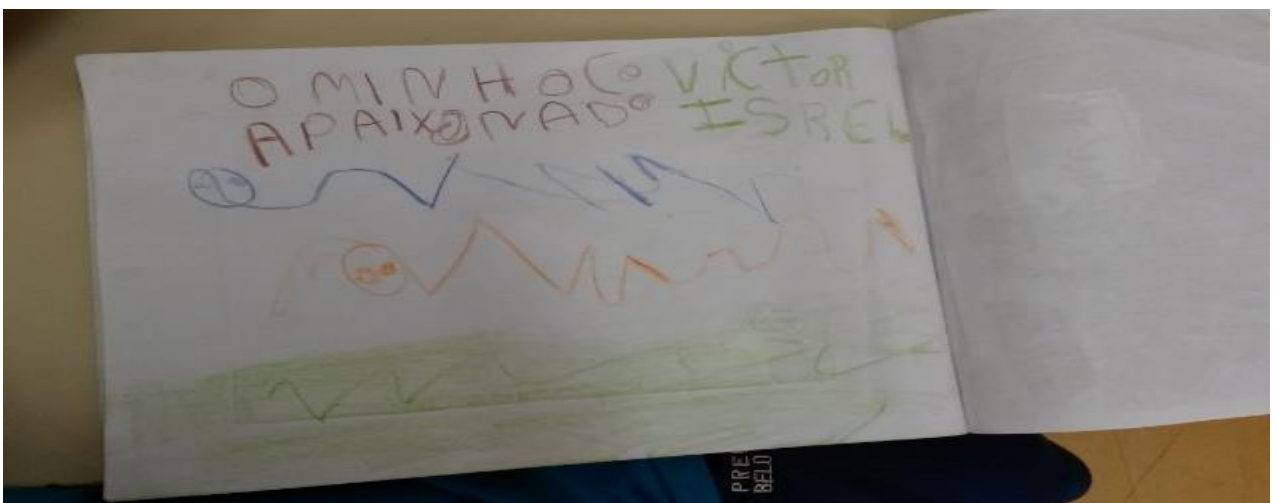


Figura 14: Desenho referente à história.



Figura 15: Livro Asa de Papel

Analisando a pergunta feita e esperando as respostas com grande ansiedade, cheguei mais cedo na escola e organizei a sala de aula formando um grupão, colocando os materiais necessários como: espremedor, tampa de vasilhame de sorvete, massa de modelar. Para que o objetivo de criar um cenário para a realização de uma animação fosse bem produtivo junto com todas as crianças.

As crianças foram chegando, para a aula e se assustando ao me ver sentada, com as mesas organizadas e o material exposto no centro da mesa. Vários comentários foram sendo feitos e eu apenas os cumprimentava e despedia do responsável que o havia deixado em sala³. Quando deu o horário de início da aula maioria das crianças já estavam presentes em sala e como eu: sentadas, falando baixo. Mas, querendo saber o que aconteceria.

³ Na UMEI – Zilah Spósito os responsáveis entregam e recebem as crianças na porta da sala, juntamente com o (a) professor (a).

Assim iniciei a aula fazendo um levantamento de hipóteses retomando a pergunta da aula anterior: “Será que conseguimos criar as imagens para um filme? Como poderíamos fazer?” Alguns disseram que não tinha jeito; outros disseram que poderia até ser, mais na sala não tinha como, porque precisava de um lugar especial como no filme Pocoyo.

Quando olhei para porta vi que o BE, estava com o responsável, seu pai, e me chamou; fui à porta da sala, cumprimentei-o e ele, com toda a educação, me perguntou sobre a animação, expliquei-lhe e apresentei-lhe os materiais já construídos e, nessa hora ele me perguntou se eu sabia que essa animação tem um nome específico. Eu disse que não havia pesquisado sobre isso, que apenas a chamava de “animação”. O pai disse que o nome desse programa é “stop motion”, e explicou-me um pouco sobre o que é, desta forma perguntei se gostaria de participar da nossa aula naquele dia, me pediu desculpas pois teria que ir trabalhar; mas disse que no final do ano estará disponível para realizar um com a turma. Me elogiou por estar realizando um trabalho de extrema dificuldade com adultos, imagina como é com crianças. Agradei novamente e pedi que falasse rapidamente com a turma, sobre o que é um stop motion. Sentou-se e em poucas palavras disse: ____”turminha, eu sou o pai do BE, tudo bem? Ele chegou em casa ontem à noite e me disse que aqui na sala vocês estão brincando com massa de modelar, fazendo muitas modelagens e que irão criar um filme que chama animação. Eu conheço um pouco sobre isso, e achei interessante vir aqui na escola para conhecer e conversar com a professora. Ela me mostrou o que estão fazendo, que é criativo, interessante e muito bonito. Assim eu disse que o nome real dessa atividade é stop motion”. As crianças deram risadas, acho que foi pela forma dele dizer a palavra stop motion, que é diferente da nossa língua. Entenderam e passaram a chamar a animação de “stop motion”.

Fiquei muito satisfeita em ver que a criança chegou em casa, contou o que estávamos fazendo e que o pai, conhecedor do assunto, me informou o nome real da atividade, e conversou com as crianças.

Voltando para a construção das imagens, conversei com o grupo e expus que cada um poderia criar o que quisesse. As crianças apresentaram outra visão sobre o uso

da massa de modelar, com maior riqueza em detalhes e conversas, assim, propus que criássemos personagens, referente ao nome da turma (Amigos da ecologia). Disse que nós seríamos os responsáveis pela organização e atenção nas aulas, nas criações para que pudessem ficar em pé, ou seja, serem tridimensionais. Cada um foi criando a sua modelagem, dentro do espaço da tampa de vasilhame de sorvete.

As imagens ficaram ricas: árvores, água, personagens, bola, mata, etc. Para finalizar a modelagem passamos cola em volta da montagem, para que assim tivesse um efeito envernizado e não mofasse; colocamos no espaço fora da janela para secar. No final do horário cada aluno pegou a sua modelagem e organizamos um espaço na estante para que fossem guardadas.

Muitas falas foram interessantes, como a do GUI, uma criança que praticamente pela primeira vez falou em voz mais alta para todos da sala: disse que havia feito uma árvore com uma casinha em cima. MA falou que fez uma árvore com muitas cobras e plantas em volta; ATS disse que seu trabalho era a mata atrás da escola com muitas árvores, bichinhos, borboletas.

Fotos tiradas por mim e pela criança AS.



Figura 16: brincar, brincar, brincar...criando.



Figura 17: Árvores, cobras, flores, matas...



Figura 18: Casa na árvore.

No outro dia de aula, instiguei a turma, apresentando, também no grupão, as criações que havíamos feito na aula anterior que já estavam secas, mas nem tão firmes. Depois que conversamos sobre as construções eu disse que iríamos fazer um stop motion, ou seja, uma filmagem criando uma história com os personagens e o cenário, criados por eles.

Pesquisando tive uma visão mais completa sobre stop motion que seria é técnica de [animação](#) com uso de recursos como máquina de filmar, de uma máquina fotográfica. Sendo utilizado modelo reais com e em diversos materiais, sendo, em nossa sala a massa de modelar. No cinema o material utilizado tem de ser mais resistente e maleável visto que os modelos precisam durar meses. Os modelos são

movimentados e [fotografados](#) quadro a quadro, contando mais ou menos um segundo para cada movimento. Assim formam quadros que ao passar em definitivo a imagem dando movimento. Nessa fase, podemos acrescentar efeitos sonoros, como fala ou [música](#). No nosso não será acrescentado som usaremos só os movimentos.

Li para a turma o verbete e conversamos, foi quando pudemos coletivamente tirar algumas dúvidas minhas e das crianças. As crianças estavam mostrando grande satisfação e perguntando a todo tempo quando iríamos criar o nosso filme. Para iniciar perguntei: “Onde faremos? Como faremos para realizar? Poderemos ficar conversando durante a filmagem? O tema será ecologia? Quem irá ajudar a montar o cenário? Quem irá ajudar a mexer com os bonecos?”

Iniciamos conversando sobre o nome da turma (Amigos da ecologia), logo após relemos o livro O Minhoco Apaixonado; o filme: Pocoyo e imagens criadas por eles como: modelagens, desenhos e registros. Fomos colocando nossas ideias e acabou em uma discussão, quase que chegando a uma briga entre os alunos BE, VI, e ME, porque cada um queria que usasse a sua ideia, pois seria melhor que a do outro. De acordo com as atitudes achei uma hora importante para me posicionar, apresentando minha ideia (já pronta) seria mais fácil e segura, para que a professora possa direcionar e ajudar a construir.

Assim, organizamos a sala em grupão, estruturamos o cenário organizando a cena com as árvores, os personagens, a água e a bola (tudo construído por nós e em outros momentos de aula). Os alunos RI, VI, ME, IZ, CA ajudaram todo o tempo, expondo suas ideias na construção do cenário, montado por eles. Para iniciarmos o “stop motion”, sentei na rodinha com a turma, para conversarmos de como seria realizado. Seria necessário que a turma fizesse silêncio, porque o som não deveria sair na filmagem, como a animação de cinema mudo, onde só aparecem as imagens e, através das imagens, entendemos a história sem precisar de falas. O aluno LF nos contou que o seu pai já havia lido sobre cinema mudo, “quando só tem os personagens e fazem os gestos”, mandando beijos, abraçando a namorada, e que era legal.

Assim, foi criada uma pequena história relacionando os personagens e o cenário.

Usamos o celular para fazer a filmagem e os alunos CA e HU foram desenvolvendo o movimento com os personagens. Foi difícil realizar a filmagem, ajudar na organização e movimentação dos personagens e fazer com que a turma fizesse o silêncio necessário. A situação era diferente e eles estavam achando engraçado e querendo colocar a mão. Precisei parar de filmar 2 vezes para chamar atenção da turma.

Finalizamos a aula assistimos a filmagem e todos nós ficamos satisfeitos.

❖ **Modelagem, mar sonoro, mar sereno...**

Chegou então o dia de convidar as turmas e funcionárias da UMEI, apresentar o “stop motion” para poderem assistir e nós da turma ouvir cada opinião, sugestão, elogio, crítica, e assim por diante. Esta aula teve como objetivo apresentar, interagir e envolver a comunidade escolar com as atividades desenvolvidas com a modelagem.

Fiquei surpresa ao iniciar a aula e a turma foi relembando tudo o que já havíamos feito como: construção de massa de modelar, uso de materiais diversos como o espremedor de alho, que a KA deu o nome de mistureba, o VI lembrou do dia que fomos ao pátio para realizar a leitura do livro: O Minhoco apaixonado; CA lembrou do responsável do BE que foi à escola falar sobre o “stop motion”; lembraram da construção das árvores; e principalmente da filmagem. Disse que estava muito feliz em ver que estavam lembrando de cada momento com grandes detalhes e pedi um abraço de urso, abraço onde todos se juntam em um amigo de sala e dão um abraço.

Então naquele momento iríamos fazer convites para entregar nas turmas de 4 e 5 anos, para a diretora, a coordenadora, as cozinheiras, a secretária, as faxineiras e o faxineiro. E fiz a pergunta para o levantamento de hipóteses: ____ “Como poderíamos fazer para convidar as outras pessoas?” Todos começaram a falar ao mesmo tempo e eu disse que precisávamos nos organizar. Na mesma hora começaram a silenciar e a JH falou: ____ “Pode fazer um convite? ”; a ME contradisse “____ Não, podemos ir na porta de cada sala, chamar a professora e falar com ela pra vir aqui.” O BE

concordou com a JH e o restante da turma ficou em silêncio. Achei que seria necessário explicar o que é convite: “___É um portador de texto que é utilizado para convidar uma pessoa para um evento, uma apresentação, uma festa, etc. É o que faremos para convidar os nossos amigos para assistirem o nosso “stop motion” em nossa sala”. No quadro, coletivamente, fizemos o registro de um convite, e as crianças fizeram o registro em folha A4 com ilustrações. Fizemos a leitura de cada um para ver se estava escrito corretamente e, se quando fossem entregues, o convidado entenderia. Logo após, nos organizamos para a entrega dos convites, quem entregaria, etc.

A entrega foi hilariante, porque muitas colegas se assustaram em estar recebendo um convite, principalmente sendo entregue por um aluno, e com o entusiasmo da turma. A senhora MA da cozinha, ficou com os olhos cheios de lágrimas, fez um agradecimento em nome de todas as colegas da cozinha, mas infelizmente não poderiam ir participar porque estavam preparando o almoço, mas pediu que fizéssemos a apresentação para elas em outro momento e eu, junto com a turma combinei que na próxima semana iríamos levar o notebook para um espaço próximo ao da cantina para ficar mais fácil para assistirem e não precisarem deslocar. Senhora MA concordou e mais uma vez nos agradeceu.

Após a entrega dos convites voltamos para a sala e organizamos o espaço, retirando as mesas e cadeiras de sala, colocando-as no corredor, para que o espaço ficasse mais amplo.

Com o horário se aproximando as crianças sentaram-se embaixo da janela, deixando o espaço à frente do notebook para as outras turmas, dizendo que eles já haviam assistido e que os outros tem que ver melhor. Os convidados foram chegando no horário determinado. Conversei dizendo o que havíamos feito, qual o objetivo da sequência didática (mais para os adultos), expondo algumas imagens, desde o início até chegar ao que iriam assistir. Disse que tudo havia sido feito com massa de modelar pelas crianças e por mim.

Depois, passei o “stop motion” e as crianças reagiram de diversas formas, durante e após a apresentação; umas ficaram caladas, outras arregalaram os olhos, outras bateram palmas, outras disseram a seus professores que querem fazer também. Nesse momento uma criança me perguntou: “___Você fez também? Você não ficou

sentada na cadeira grande, não?” Respondi: “ ____ Sim, eu também criei, brinquei junto com as crianças.” Disse: “ ____ Legal, gostei.”

Para finalizar pedi, ao grupo todo, que fizessem um registro através de desenhos, do que foi visto, do que acharam interessante, diferente, especial, etc. Disse que usaríamos o espaço disponível na sala para colocar o papel, ou seja o chão;

Infelizmente os professores acharam melhor que as turmas voltassem para sala, para realizar o registro sentados na cadeira, usando a mesa, ao invés de sentarem no chão. A coordenadora perguntou para os professores: “ ____ Por que as crianças não podem desenhar sentadas no chão?” Uma professora respondeu que os pais iriam reclamar dos filhos que iriam embora sujos.

As crianças da turma “Amigos da Ecologia” se organizaram pegando as folhas (estavam juntas 4 folhas de A4, fixadas uma a uma, dando um comprimento de mais ou menos 12 centímetros) e os potes de lápis de cor e giz de cera. Ao final da aula expus no mural, fora da sala, os desenhos realizados por ele. Eu me sentei no chão junto as crianças e também realizei o meu desenho.

A sequência didática realizada nesse período de junho a setembro foi muito produtiva, me fez desenvolver um olhar diferenciado sobre cada criança e seu aprendizado, ao saber que as aprendizagens ampliam conhecimentos, tanto profissional quanto pessoal.

Fotos tiradas pela aluna KA.



Figura 19: as crianças assistindo ao stop motion em sala.



Figura 20: Alvorço da turma.



Figura 21: confecção do convite



Figura 22: Entrega dos convites.



Figura 23: as turma assistindo ao stop motion.



Figura 24: Atenção ao assistir o filme.



Figura 25: desenho da experiência de assistir o stop motion.

4 – Mapa interpretativo da experiência vivida.

Não se deve recusar a importância da Educação Infantil na concepção do indivíduo e no desenvolvimento social de todas as crianças: todos temos exemplos aprendidos em sala de aula que nos acompanharão para o resto da vida.

Art. 4º As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (CEB/CNE N°05, de 17 de dezembro de 2009.).

Observa-se que o texto das Diretrizes coloca a escola que deve orientar as propostas pedagógicas de maneira que a criança é colocada como centro do planejamento curricular, e deve ser compreendida como sujeito histórico e de direitos. O espaço físico aparece associado às propostas pedagógicas, como um dos elementos que possibilitam a implantação e aperfeiçoamento das diretrizes.

Também como diz Machado (2004, p.19) “ O brincar é. Encontra-se no espaço do sonho. Uma criança livre, feliz, brinca quando come, quando sonha, quando faz seus pequenos discursos poéticos.”.

A criança brinca por prazer, independente do espaço ao qual lhe é oferecido.

Continua Machado (2004, p. 23)“ [...] a redundância de nosso projeto de esboço da poética do brincar, visto que brincar é produzir, fabricar, criar. A forma brincada poderia ser a poíeses da cada criança.[...]”.

Machado criou e desenvolveu o “Mapa do brincar de zero a seis anos” proporcionando um olhar para o planejamento e avaliação descritiva. O meu olhar foi focado na modelagem, ampliando e reconhecendo cada situação estudada durante a sequência didática.

O brincar é visto de diversas formas como o brincar desenhando, o brincar criando, o brincar modelando e mais uma vez o brincar brincando. A criança tem a vida em pleno desenvolvimento, se movimentando e vivendo em um mundo compartilhado com os adultos.

O “mapa da modelagem, crianças de 4 e 5 anos” a seguir me aliciou a novos conhecimentos e planejamentos.

QUEM MODELA?

Sujeito que pensa livre.

Criança

Mundaneidade

COMO MODELA?

modo de ser e estar, de criar e modelar.

modelagem individual e coletiva.

Corporalidade

ONDE MODELA?

Referências espaciais.

sala de aula, pátio, biblio. Teca, chão, etc.

Espacialidade

POR QUANTO TEMPO MODELA?

Mais ou menos 40 minutos.

Temporalidade

COM COM QUEM MODELA?

Coisas do mundo.

Tampas, vasos, Palitos, espremedores, etc.

Mundaneidade.

Professor, criança e família.

COMO AS CRIANÇAS PARTICIPAM?

Como sujeitos ativos, crianças

E O ADULTO?

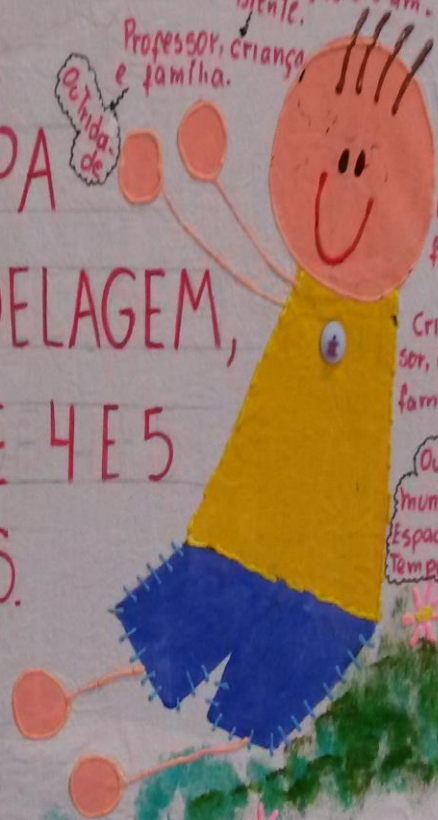
QUAIS OS RESULTADOS?

formação de seres criativos e repletos de felicidade.

Criança, professor, escola e família.

Outridade: Mundaneidade, Espacialidade, Temporalidade, Corporalidade.

MAPA DA MODELAGEM, CRIANÇAS DE 4 E 5 ANOS.



❖ Mapa da modelagem, crianças de 4 e 5 anos.

Através da construção e da análise feita do mesmo percebi que as possibilidades de estudo são diversas, que podemos analisar cada pedaço percorrido

Sabendo que a outriedade, é a relação entre criança e o outro, a corporalidade, é a relação entre a criança e o corpo, a linguisticidade, é relação entre a criança e a língua, a temporalidade, é a relação entre a criança e o tempo, a espacialidade é a relação entre a criança e o espaço e a mundaneidade, é a relação entre a criança e o mundo. Também fazem parte do ser, da criança em cada aprendizagem assim estão presentes no desenvolver do “mapa de modelagem”

O “mapa de modelagem, crianças de 4 e 5 anos” me apresentou uma forma de visão podendo ver a criança em sua aprendizagem sabendo que quem está no meio para modelar é aquele que pensa livre sendo a criança ou adulto, aluno ou professor. A modelagem pode e deve ser realizada com referências espaciais e diversidades

O tempo para a modelagem deve ser observado de acordo com a participação das crianças, o professor analisando os momentos de interação e os que se tornam desinteressantes, os que as crianças passam a ser inativas e começam a conversar, andar, sem se relacionado ao tema proposto, assim já pode considerar que o período da aula já estava pronto.

As crianças precisam ter estímulo para usarem os materiais apresentados, pelo professor durante aula, para realizarem suas criações. O adulto, faz a relação entre as crianças e o ambiente, e o que será proposto a cada instante, colocando a família e a escola interligadas.

Assim, para a formação de seres criativos é necessário que os resultados adquiridos durante uma sequência didática sejam conversados, discutidos e analisados com o grupo trabalhado, sendo professor, criança, escola e família.

Este “mapa da modelagem, crianças de 4 e 5 anos” foi traçado pela observação da turma “amigos da ecologia” com trabalho textual dos relatos analisando as participações, interações. Eu me tornei uma narradora de experiência de ser adulto responsável pelas crianças no grupo. O fluxo de continuidade desse trabalho é o que me fez ter um olhar mais afinado com a etnografia.

5 - Conclusão

Do Direito à Liberdade, ao Respeito e à Dignidade

Art. 15. A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis.

(LDB, 1990)

As crianças devem ser vistas como sujeitos singulares, possuidoras e criadoras de história e de cultura, com especificidades em relação aos adultos. A criança está muito longe da imagem de adulto-em-miniatura, como vista algum tempo atrás, e o cidadão-de-amanhã. A criança é o um cidadão de pouca idade, hoje.

É necessário estruturar o espaço para imaginação e criatividade das crianças, um espaço que seja amplo, arejado, iluminado, com diversidade de materiais, brinquedos. Antes de tudo é importante que a criança seja considerada como um cidadão, com direito à liberdade, à reflexão e à dignidade; assim, me propus a estar atenta a bibliografias etnográficas.

Percebendo e analisando a criatividade com a modelagem, não como campo apenas da Educação Infantil, e sim da humanidade. Este trabalho aconteceu com crianças de 4 e 5 anos de uma escola pública de Educação Infantil de Belo Horizonte, indicando alguns caminhos que hoje estão despontando para as professoras como possibilidades, ainda que com pouco desenvolvimento, visto que em muitas práticas o adulto, ou a professora, está presente como aquela que expõe e coordena atividades, a criança não tem voz ativa para a realização das formas que seriam, para elas, mais interessantes e prazerosas.

A professora acredita que não há condições das crianças aprenderem porque a aula seria “avulsa”, e o professor não conseguiria controlar as crianças: por isso deixa a sala mais centrada em uma única atividade, modo mais fácil para organizar a turma, e as escritas são mais valorizadas e praticamente a única linguagem trabalhada.

A criança deve ser respeitada e o adulto dar vazão para que suas habilidades sejam expostas e ampliadas.

É necessário que os profissionais sejam envolvidos nos seus processos criativos, para poderem dialogar com cada produção infantil e construindo conhecimento.

A criança é um ser brincante. Brincar é também uma linguagem: a linguagem brincante. A arte é uma linguagem brincante.

A criança brinca com o corpo, descobrindo e pensando livremente, em qualquer ambiente e com movimentos: pulando, batendo palmas, levantando e abaixando pés e mãos. Desenvolvendo a corporalidade, ela vive criativamente, usando sua imaginação, raciocínios, conversas, desenvolvendo a mundaneidade. Tem prazer em viver estando com o outro: amigos, familiares, professores, escola, buscando significado da relação adulto-criança. A criança possui espontaneidade: sem regras rígidas usa a sua imaginação para criar no ambiente em que vive e está inserida.

Com a modelagem pude ver que o brincar é um brincar com prazer, um brincar com criatividade, um brincar livre de qualquer aspereza, um brincar com o tempo a seu favor. Ao longo da primeira infância, o brincar é o meio ao redor, o brincar é o espaço, o brincar é o limite vivido: observamos assim, a todo instante, a espacialidade.

A criatividade pode estar tanto na brincadeira exploratória como na brincadeira construtiva; pode estar na criança e no meio ambiente; pode estar em mim bem como em você cabe a nós pesquisa-la e desenvolvê-la, por meio de sua exploração e da sua construção, com o sentir e o pensar. Nós adultos temos capacidade de nos envolver e nos distanciar, de ir e vir, de praticar e refletir. Para que possamos responder às crianças de um jeito pessoal, único e original sobre essas questões.

O adulto precisa estar presente, mas um pouco distanciado confiando no saber da criança, respeitando cada um de seus momentos, das suas ideias, hipóteses. O professor propõe que as crianças banquem suas próprias descobertas, que expressem os sentimentos, que criem sem que o adulto imponha ao seu imaginário. Que decidam o que fazer, o que brincar; no entanto o professor deve ser um ser

ativo e participativo, juntamente com as crianças, usando sua criatividade, para que cada um se sinta instigado a realizar trabalhos tão vistos como o do professor.

A professora é agente participativo na sala de aula, vivendo aquele momento como uma linguagem brincante, junto as crianças e com a linguagem oral a criança se expressa, expondo vontades, fazeres, bagunças, banzés, coletivamente e individualmente, apresenta união e desunião; a língua propicia momentos de interação e grande ludicidade.

A modelagem traz uma ampla visão sobre a percepção imagética, ou seja, o que as crianças manifestaram através de imagens demonstrando sua imaginação.

Com a sequência didática desenvolvida, a criança demonstrou interesse, sentindo plena satisfação em criar e mover cada modelagem, sem uma forma única, como infelizmente era o modelo algum tempo atrás: fazer bolinhas, fazer cobrinhas, massa de modelar entregue no final da aula para apenas passar o tempo, etc.

Todos apresentaram enorme satisfação ao utilizar instrumentos diferenciados, como: espremedor, palitos, tampas diversas, etc. O uso de um material que facilita a criatividade. Foram muitas as possibilidades de aprendizado com a criança criadora do seu fazer e o professor sendo mediador das produções infantis.

Infelizmente ainda existem equívocos, cometidos por adultos nas produções e interpretações das modelagens, artes, desenhos, registros diversos, criados pelas crianças: muitas vezes cria-se uma barreira impedindo que a imaginação infantil seja explorada livremente.

Assim desenvolvendo este trabalho etnográfico tive um olhar aflorado à real forma de aprendizagem da criança, sabendo que com a participação do adulto se sentirá mais segura e interessada em realizar cada atividade proposta.

A presença das artes visuais na Educação Infantil mostra desencontro entre teoria e a prática. Em muitas propostas as artes visuais são vistas como passatempos sem

significado, ou prática meramente decorativa, como reforço de aprendizagem em outros conteúdos.

A arte desde cedo influencia a criança. É possível identificar espontaneidade e autonomia na exploração e no fazer artístico das crianças: seus trabalhos revelam: o local, a época histórica em que vivem, suas oportunidades e ideias, ou seja, suas culturas. A criança possui sua própria visão, ideias e interpretações sobre a produção de arte e o fazer artístico.

Mediante observações da prática docente percebo que muitas vezes os profissionais da Educação Infantil usam concepções e metodologias equivocadas a respeito das artes visuais em sua prática pedagógica. Senti necessidade de pesquisar o tema, focando a modelagem, pois vejo que é um momento de muita satisfação da criança: ter contato com uma massa para modelar e criar a figura como ela quiser e livre para imaginar.

Estamos desatualizados nessa arte. Na tentativa de esclarecer e elucidar a contribuição da Arte na Educação Infantil e na formação da criança, pretendo repensar as concepções sobre sua prática, sobre possibilidades de novas técnicas e novos objetivos.

A criança é capaz de interessar-se pelas próprias produções, pelas de outras crianças e pelas diversas obras artísticas com as quais entram em contato, ampliando seu conhecimento do mundo e da cultura.

Produzir trabalhos, utilizando a linguagem de modelagem, da construção, desenvolvendo o gosto, o cuidado e o respeito pelo processo de criação e produção: para isso, a professora deve oferecer oportunidades para que se familiarizem com os procedimentos ligados aos materiais utilizados, tipos de suporte e que possam pensar e analisar os resultados obtidos.

Sendo assim o trabalho deve ser organizado de forma a oferecer para as crianças possibilidades de contato, uso e exploração de materiais. Ao trabalhar com leitura de

imagens é importante elaborar perguntas que instiguem a observação, a descoberta e o interesse da criança.

Pretendo evoluir e ampliar meus conhecimentos, podendo proporcionar um aprendizado maior sobre a pesquisa etnográfica, com foco em artes visuais na UMEI onde trabalho. Também tenho vontade em realizar o sonho de fazer o mestrado, pois, como diz Lacerda (2015) “O adulto potente é imitado por criança potente”.

6 - Referências:

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto (1998) **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/Secretaria de educação, 1998. v.3. 253p.

BRASIL. Lei 9394/96, de 1996. Institui a Educação Infantil como Primeira Etapa da Educação Básica a Encargo dos Municípios e dá outras providências. **LDB**, Brasília, 1996.

BRASIL. (2009). Ministério da Educação. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CEB n. 05, 17 dez. 2009. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. **Diário Oficial República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 18 dez. 2009 a. Seção 1, p. 18.

GANDINI, Lella. Espaços educacionais e de envolvimento pessoal. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre, 1999. p.46.

LACERDA, Aroldo Dias. **Entre linhas e cores: um olhar em devaneio para o desenho infantil nos primeiros anos do Ensino Fundamental diante da atuação docente**. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, UFMG, Belo Horizonte, MG, [s.n.], 2012.

LACERDA, Aroldo Dias. **Quais são as condições para a consecução de um efetivo ensino da linguagem plástica visual na educação infantil?**

MACHADO, Marina Marcondes. **BLOG AGACHAMENTO | Cotidiano, Arte e Infancia**, 20 de junho de 2015.

MACHADO, Marina Marcondes. **A criança é performer**. In: **Educação & Realidade**, Porto Alegre, nº 35(2), p.115-137, maio/ago, 2010.

MACHADO, Marina Marcondes. **A Poética do Brincar**. São Paulo – SP, p.19, 2004 Ed. Loyola, 2º edição.

MACHADO, Marina Marcondes. **A Poética do Brincar**. São Paulo – SP, p. 23, 2004, Ed. Loyola, 2º edição.

PUBLICAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO; **Pocoyo, rir e aprender, eu e você**; Ed. Multimídia, LOG ON.

ROSCOE, Alessandra Pontes. **O Minhoco apaixonado**. São Paulo – SP, 2013, Ed. Canguru, 1º edição.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro. Record, 2001.

XAVIER, Marcelo. **Asa de papel**. Ed. Formato, 27 edição; São Paulo – SP, 2012.